

Procura pelo crustáceo diminuiu cerca de 50% com alargamento da BR- 222

Rosalva Maria Rodrigues é uma adolescente de 14 anos. Desde pequena ajuda a mãe a vender caranguejo nas imediações da ponte sobre o rio Ceará. As duas fazem parte da tribo dos índios Tapeba, cuja principal atividade econômica, atualmente, é a venda deste tipo de crustáceo.

Mas desde que foi concluído o alargamento da BR 222, no início deste ano, caíram as vendas de caranguejo na margem da pista por parte dos Tapeba. "Antes eu vendia até 30 cordas com nove caranguejos por final de semana. Hoje só vendo 15", diz Rosalva Maria.

O grande consumo de caranguejo de Fortaleza acontece mesmo nas barracas da praia do Futuro, onde, em julho do ano passado, eram consumidos mensalmente 4.500 caranguejos. Mas quem mora na zona oeste da cidade e também gosta do produto, recorre principalmente aos índios Tapeba.

Antigamente, antes do alargamento da BR 222, eles tinham mais espaço para trabalhar e se aglomeravam principalmente num espaço que havia bem próximo à ponte. Agora tudo ficou mais difícil.

O espaço que restou entre a pista e o mangue ficou bastante reduzido. Mesmo assim, ainda é possível encontrar 11 barracões de venda de caranguejo e guaiamum. Eles vendem uma corda com nove caranguejos por R\$ 2,00. Já o guaiamaum, considerado produto de melhor qualidade, sai por R\$ 4,00 a corda com nove caranguejos.

O índio Francisco Édio é um exemplo de quem sobrevive da venda do crustáceo. Casado e com um filho, ele passa a semana atolado no mangue, procurando caranguejo. No sábado e no domingo ele vende o que conseguiu pegar. Segundo o índio, as pessoas estão consumindo menos caranguejo.

Ele diz que as vendas caíram aproximadamente 50%, passando de 30 cordas para 15 cordas por final de semana. A única coisa de positiva que ele vê no alargamento da BR é que agora os índios se sentem um pouco mais seguros quanto aos acidentes.

Segundo o índio, esta época do ano normalmente não é a de caranguejos grandes. "Só em julho e agosto é que os grandes saem das tocas. Agora, a gente só pega dos pequenos mesmo". Além da venda de caranguejos, os Tapeba também sobrevivem da confecção de produtos de palha, artesanatos e miçangas.

Na extensão da avenida Bezerra de Menezes, tradicionalmente também se encontra vendedores de caranguejos. Entre eles, os preços da corda com oito unidades variam de R\$ 4,00 a R\$ 2,50, dependendo do tamanho dos caranguejos que são oferecidos.

Fortaleza, Ceará - Segunda-feira, 22 de junho de 1998

Diário do Nordeste CIDADE

133